

## Entrevista com Tomás Ruiz, CEO da IBERMANSA (Grupo Empresarial Electromédico)

**Tomás Ruiz descreve os serviços de manutenção do equipamento hospitalar prestados pelo Grupo Empresarial Electromédico, abordando também as especificidades da manutenção e o papel dos engenheiros hospitalares.**



Como foi o início do Grupo Empresarial Electromédico (GEE) e como evoluíram até hoje?

**Tomás Ruiz (TR):** O grupo foi criado em 1982 com a fundação da Mantelec, SA. O nosso presidente e fundador verificou a necessidade de colocar técnicos residentes nos hospitais e o valor acrescido que isso traria. Isso garantia um tempo de resposta imediato e, consequentemente, uma disponibilidade superior operacional do equipamento.

Posteriormente entraram no mercado as outras empresas do grupo: Ibérica de Mantenimiento, SA (Ibermansa) e Asime, SA, com a intenção de dar um serviço mais próximo e personalizado ao cliente. Com esta estrutura foi possível responder à diversificação que cada nicho de mercado exige.

Hoje em dia, detemos 70% do mercado público de eletromedicina em Espanha, cerca de 197 centros hospitalares.

Em que áreas de negócio atuam as empresas do GEE?

**TR:** Praticamente todas na Manutenção dos equipamentos de electromedicina. Efetuamos atualmente manutenção a cerca de 95% de todas as marcas e modelos do parque Hospitalar, incluindo as áreas críticas. Em complemento, fazemos assessoria, consultoria e estudos de renovação tecnológica do parque de equipamento.

Dispomos também de acordos locais com algumas empresas especializadas para quando a manutenção industrial da infraestrutura do Hospital é exigida pelo cliente, embora em alguns casos também o façamos através da nossa própria organização. Acreditamos que a complexidade do equipamento médico e a importância que tem para um Hospital requerem atenção e especialização, e por isso, preferimos abordar a manutenção do equipamento de maneira separada da manutenção industrial.

Por este motivo, a manutenção eletromédica é o nosso “core business” há mais de 35 anos.

Em quantos países têm presença? O que levou o GEE à expansão internacional, particularmente para Portugal?

**TR:** O grupo iniciou a sua internacionalização há cerca de cinco anos. Em resultado de estudos de mercado, decidiu-se extrapolar a nossa filosofia para a zona norte do continente africano, concretamente Marrocos e Tunísia. Esta aposta teve continuidade em países como o Gana, Angola e mais recentemente na Guiné Equatorial.

Na Europa, temos prestado os nossos serviços na Polónia, país que está neste momento em avaliação de continuidade.

O salto para a América Latina era questão de tempo e oportunidade. A oportunidade surgiu no Peru, no âmbito das parcerias público-privadas, onde fomos adjudicatários das três parcerias existentes no mercado peruano, o que nos ajudou a ampliar a nossa presença no Chile, Colômbia e Panamá. Es-

tamos neste momento a estudar a implantação nas Honduras.

Relativamente a Portugal, era algo natural a fazer num país irmão, próximo e com quem partilhamos as mesmas filosofias de serviço ao mercado. Depois de vários estudos e, por que não dizer mesmo tentativas falhadas, encontramos na nossa união à Iberdata a forma mais segura e eficiente de apresentar a nossa filosofia de assistência no país.

Quais foram os fatores que levaram à escolha da Iberdata como o parceiro para o mercado português?

**TR:** A escolha deve-se à dedicação em exclusivo da Iberdata a instituições hospitalares, ao longo dos seus 30 anos, evitando outras entidades que diversificam excessivamente o seu negócio. É uma empresa consolidada e conhecedora do mercado português, com a qual partilhamos uma filosofia de trabalho e de proximidade ao cliente.

Acreditamos também que o “know-how” da Iberdata no âmbito da venda de equipamentos médicos possa complementar a nossa visão para os projetos de consultoria de renovação tecnológica, que já começamos a fazer em Espanha, e principalmente em países da América Latina.

Definitivamente, com a Iberdata podemos estar ao lado do cliente, desde a venda, instalação e formação do equipamento, até a sua manutenção. Manutenção não só do equipamento fornecido, mas de todo o material electromédico instalado na instituição. Consideramos que esta proximidade ao cliente é uma mais-valia que nem todas as empresas atualmente no mercado podem oferecer.

Que serviços disponibilizam em Portugal?

**TR:** Em Portugal disponibilizamos aos nossos clientes serviços globais de manutenção, assessoria, consultoria e renovação tecnológica. Para isso contamos com uma estrutura qualificada e estável de técnicos suportados pelo centro tecnológico. Somos

a única empresa do setor que possui um centro tecnológico que proporciona formação acreditada, suporte logístico, ferramentas informáticas (Manthosp), laboratórios de reparação de fibras rígidas e flexíveis, entre outros, às equipas residentes.

Paralelamente aos serviços de manutenção mantemos a linha de comercialização de dispositivos médicos da Iberdata.

**Quais são os fatores de distinção da vossa abordagem à manutenção?**

TR: O fator determinante é a nossa proximidade ao cliente. Embrenhamo-nos na estrutura da instituição de saúde, seja um Hospital, Centro de Saúde ou Clínica. A nossa presença física garante a resposta imediata ou, em caso de horário noturno ou feriados, uma resposta nunca superior a duas horas. Este aspeto garante uma segurança e fiabilidade que facilita imenso a tarefa de gestão aos nossos clientes.

Os contratos são, na sua totalidade, feitos à medida dos nossos clientes. Não existem Hospitais iguais. Todos se compõem de pessoas e recursos diferentes, e necessitam de uma solução personalizada.

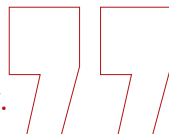
Neste sentido, recomendamos a aplicação de critérios diferentes, desde um contrato mais simples com um modelo de mão-de-obra, até outros mais complexos, contratos integrais com todos materiais e peças de reparação incluídos.

A última aposta, introduzida devido à frágil situação económica em que nos encontramos, é o contrato em regime misto, em que, num espaço de tempo mais amplo, se conjuga a manutenção e a renovação tecnológica, assegurando a um preço fixo e por um número variável de anos, a conservação e melhoramento do parque existente no final do período contratado.

**Os equipamentos hoje têm especificidades tecnológicas muito complexas. A manutenção é feita apenas pelo fabricante? Que articulação existe com o Serviço de Instalações e Equipamentos (SIE) do hospital?**

TR: Face à crescente complexidade tecnológica dos equipamentos eletromédicos, decidimos aumentar e diversificar os cursos de formação que são lecionados aos nossos serviços técnicos. Somos a única

*Depois de vários estudos e, por que não dizer mesmo tentativas falhadas, encontramos na nossa união à Iberdata a forma mais segura e eficiente de apresentar a nossa filosofia de assistência no país.*



empresa do setor que possui o departamento de formação acreditado pelo ministério de educação para lecionar cursos profissionais de técnicos de eletromedicina. Assim, conseguimos efetuar a manutenção a mais de 95% do parque de equipamentos dum hospital com recursos próprios.

Existem, contudo, algumas áreas para as quais, devido à sua especificidade, não temos recursos próprios especializados para a sua manutenção. Estamos a falar de aceleradores lineares, PET, ressonâncias e alguns equipamentos de TAC. Para estes equipamentos subcontratamos a manutenção ao fabricante.

A solidez das nossas soluções de manutenção não se baseia apenas nas garantias oferecidas pelos recursos próprios, mas também nas excelentes relações que temos com o resto das empresas, fabricantes e distribuidores de equipamento eletromédico, que nos transformam no melhor elo para os nossos clientes face à gestão da manutenção e monitorização do serviço prestado.

Além disso, a nossa solução de manutenção é implementada de acordo com as necessidades e métodos de trabalho de cada SIE. A equipa técnica exerce as suas funções com autonomia, mas sempre de acordo com a orientação funcional do SIE de cada hospital.

**Qual o papel dos engenheiros afetos aos serviços hospitalares num cenário em que as empresas asseguram boa parte dos serviços de manutenção?**

TR: Os engenheiros hospitalares são importantes em todos os aspetos. São eles os

responsáveis pela monitorização, supervisão e orientação funcional da nossa equipa técnica. Em nenhum caso a nossa solução se sobrepõe ou diminui o papel dos engenheiros hospitalares. Pelo contrário, a nossa solução de contrato integral liberta-los-á de algum trabalho burocrático, permitindo-lhes dedicar mais tempo às atividades de planeamento e gestão.

**De que forma conseguem dar resposta às necessidades dos vossos clientes?**

TR: O GEE possui 35 anos de experiência em manutenção hospitalar e conta atualmente com cerca de 900 engenheiros e técnicos. Como referido anteriormente, acreditamos que a formação é o nosso fator diferenciador, razão pela qual investimos sistematicamente nos últimos anos mais de 10% da faturação em formação e investigação. Contamos também com uma estrutura logística, um software de gestão da manutenção próprio e delegações em todas as regiões.

O contrato integral é o mais comum em Espanha, como por exemplo no Hospital La Paz, Gregório Marañón, Puerta de Hierro, e somos atualmente os adjudicatários do Centro Hospitalar do Algarve que será o nosso primeiro contrato integral em Portugal.

**Pensa que a manutenção integral pode ser uma mais-valia para os hospitais portugueses? Em que moldes pode ser feita?**

TR: Sim, sem dúvida. Com a nossa solução de manutenção integral os hospitais beneficiarão de ganhos através de economia de escala e de sinergias; da previsibilidade dos custos e acima de tudo ao aumento da produtividade. Os contratos integrais permitem melhorar em muito os indicadores de manutenção, nomeadamente a disponibilidade operacional, através da eliminação do processo de aceitação do orçamento de reparação. Da nossa experiência, denotamos que o processo de aceitação dos orçamentos é extremamente moroso e burocrático, condicionando negativamente os indicadores de manutenção.

O contrato de manutenção integral pode ser feito na totalidade dos hospitais e unidades de saúde. Para tal será necessário di-

mencionar a equipa técnica residente atendendo ao número e tipo de equipamentos, as ferramentas informáticas, a dotação das oficinas, etc.

**Que peso tem a I+D+i no GEE? Quais são as vossas mais recentes inovações?**

**TR:** Basicamente, o facto de sermos, historicamente, líderes do setor implica ter de gerir e desenhar ferramentas, tanto de gestão como assistenciais. Neste sentido, e independentemente das citadas anteriormente no plano de informática e comunicações, colocámos no mercado, no último ano, duas ferramentas inovadoras: o HEXAcube, sistema

multimédia para partilhar conteúdos audiovisuais, e o nosso tesouro mais precioso, o VERIFICATOR, registo eletrónico de medições de segurança elétrica em locais de prática médica (blocos, UCI e salas de especialidade).

**Qual será o papel da engenharia hospitalar na evolução da medicina na próxima década?**

**TR:** Fundamental e imprescindível, em conjugação indissolúvel com o profissional de assistência. Os avanços técnicos e tecnológicos da medicina, a dependência da informática e comunicações, fazem e farão com que esta união seja fundamental para o funcionamento do sistema.

**Olhando para o futuro, quais são os seus próximos objetivos?**

**TR:** A consolidação da nossa presença no mercado Português, ou seja, demonstrar que a nossa filosofia de funcionamento pode encaixar num sistema de saúde irmão, especialmente considerando que os parâmetros fundamentais para o seu perfeito funcionamento podem ser extrapoláveis e exequíveis da mesma forma que são aplicados no mercado espanhol.

Fora deste mercado, a nossa expansão e consolidação noutros mercados será, fundamentalmente, para os mercados africano e latino-americano.

## Registador eletrónico de medições de segurança elétrica em ambiente clínico

**O Verificador é um dispositivo de verificação da segurança elétrica para teste de instalações de baixa tensão em salas de cirurgia, UCIs e locais de risco elétrico elevado.**



Gerido a partir do ecrã tátil através de uma interface gráfica intuitiva, o computador do dispositivo regista as medições feitas pelo técnico e gera automaticamente um relatório digital preparado para impressão ou envio eletrónico, com as seguintes funcionalidades: - Relatórios em formato PDF. - Possibilidade de adição de logótipo. - Capacidade para imprimir relatórios usando uma porta de comunicação e armazená-los numa memória externa (flash drive). - Comunicação com os sistemas de gestão hospitalar.

O Verificador foi concebido para ser transportável e autónomo, tem bateria interna (para mais de 5 horas de funcionamento) e está integrado numa mala rodada para

fácil transporte. É robusto, durável e oferece conectividade múltipla, assegura a Iberdata, que comercializa em Portugal este equipamento do Grupo Empresarial Electromédico. Permite executar testes relacionados com a verificação e inspeção de instalações elétricas em salas operatórias e de intervenção, tais como: o isolamento elétrico, resistência de ligação à terra, a força dielétrica, as correntes de fuga, verificação de disjuntores diferenciais e magneto-térmicos, verificação de condutores ativos, etc. O equipamento faz auto testes prévios à utilização para garantir as medições de testes com total segurança, envia mensagens ao utilizador quando os resultados das medições estão fora dos limites permitidos

pela regulamentação e dispõe de registos configuráveis para utilizadores, salas e hospitais.

Inclui todos os acessórios necessários para a realização dos seguintes testes:

- controlo extensível da medição.
- módulo de descarga da bateria.
- triângulo de verificação da condutividade do solo.
- sondas adaptadas.

A Iberdata assegura que o equipamento cumpre todas as normas de segurança elétrica e EMC estabelecidas para equipamentos de medição, além de ter marcação CE.

[www.iberdata.pt](http://www.iberdata.pt)